

transcendência ou êxodo às obras individualizadas. É, porventura, na sua natureza sobredimensionada que se promovem movimentos do olhar, do corpo e da intuição (muito antes da contemplação ou abstração), capazes de aproximar ou afastar, construir ou desconstruir, as ligações entre práticas, referências, temáticas ou obras. Talvez aconteça que toda a obra de Lourdes Castro coexista fantasmalmente no espaço na medida em que cada obra é sinal de uma fase diferente dos seus trabalhos (numa progressão da acumulação — *Porte bonheur*, 1962 — para as sombras dos amigos e para o *Teatro de sombras*, 1974). Do mesmo modo, a sombra, o sol, a imagem fotográfica, a auto-representação, o ímpeto arquivista, os fantasmas, o fascínio acerca do banal se apresentem como “portas de entrada” para a experiência — fenomenológica e projetiva — que *Sombra ao Sol* promove. Em última análise a ideia de que “uma imagem é sempre uma alteração que ocorre numa cadeia de imagens que, por seu turno a altera também” (Jacques Rancière, *O Espectador Emancipado*, 2010, p. 139) ganha corpo no espaço da galeria e cabe ao espectador (o visitante mas também os curadores e a artista) a resolução deste peculiar *puzzle* — desta experiência lúdica — que Joana Patrão nos convida a participar.

Organização e produção: TÊTE-À-TÊTE e HÉLDER ALFAIATE — GALERIA DE ARTE
Curadoria: Frederico Portas e Tomás Agostinho
Design e Comunicação: Patrícia d'Almeida Gomes
Agradecimentos: Ana Dâmaso, Armando Valente, Catarina Chaves, Joana Patrão, João Miguel Gomes, Luísa Alfaiate, Natacha Ventura e Tiago Madaleno

Joana Patrão

[1-6] *Sombra ao sol: pequeno herbário das sombras* (2023)
 luz solar sobre papel fotossensível
 30 x 40 cm

[7] *do sopro e do sol* (2023)
 luz solar sobre papel fotossensível
 18 x 24 cm

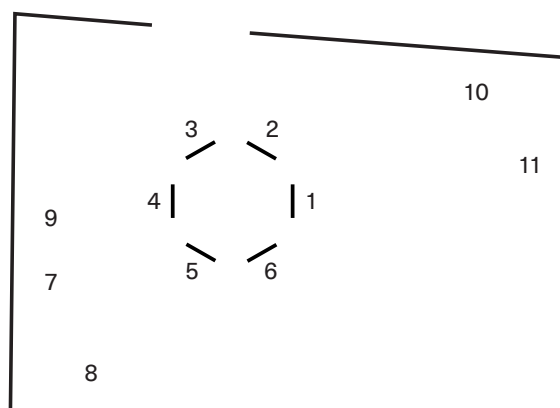
[8] *Envolta* (2023)
 vídeo full HD, 9:16, 2'21", loop

Lourdes Castro

[9] *Porte bonheur* (1962)
 colagem e papel serigráfico sobre cartão
 22,5 x 33 cm

[10] *Teatro de sombras* (1974)
 tinta e serigrafia sobre papel vegetal
 40 x 30 cm

[11] *Sem Título* (1995)
 serigrafia sobre rodhoid
 54,5 x 43,5 cm



24.06 ————— 16.07.2023

SOMBRA AO SOL de Joana Patrão (n. 1992), com obras de Lourdes Castro (1930 — 2022), é o quinto momento do ciclo **TÊTE-À-TÊTE**, na **HÉLDER ALFAIATE — GALERIA DE ARTE**, na Ericeira. A exposição sugere um diálogo entre duas práticas artísticas heterogêneas mas ainda assim relacionais: promovendo o encontro da conjuntura no diverso, da miscigenação do diferente, da montagem entre desiguais. Uma montagem intranquila e irrequieta, que tem como assunto uma multiplicidade de referências, dispositivos e zonas criativas.

\\O colecionismo

Em *Sombra ao sol: pequeno herbário das sombras* (2023), de Joana Patrão, encontramos seis imagens. Em certa medida, seis páginas de um “bom livro”. Observam-se as sombras de folhas em decomposição e esqueletos (estes sinais de vitalidades passadas) recolhidas no solo do seu jardim. Após a recolha, a artista coloca as folhas entre papel fotossensível e vidro para que, durante longas exposições (em alguns casos ao longo de duas semanas), se formem as imagens no papel. Conforme a luz solar, o tempo e a meteorologia geram-se as silhuetas destes fantasmas e ruínas de organismos decompostos. Deste gesto de conservação — na verdade, um fenómeno químico de corrosão do papel pela luz — surgem negativos ou sombras. No verso de cada imagem, observamos uma espécie de etiqueta, carimbo ou referência a um arquivo com o título da obra, em alguns casos as coordenadas do local em que as folhas foram recolhidas, a assinatura. Mas não só, os versos que mimetizam as frentes (confusos conforme a confusão das obras, desenhados conforme os desenhos das imagens, fantasmais conforme os fantasmas das imagens).

Numa remissão direta à noção de *Hortus Siccus* ou Herbário, as obras de Joana Patrão denotam um ímpeto — e por isso também uma tensão — colecionista: um interesse em recolher, captar, e escrutinar os vestígios da vida orgânica. Andar, ver, ver, ver, apanhar, guardar, catalogar; andar, ver, ver, ver... sem fim à vista, porque a coleção (enquanto tensão desidrativa ou desejo), lembra-nos Walter Benjamin, é sempre um ensejo indomável e indomesticável. É este o processo do colecionador, esse *voyeur* atento e cuidadoso em relação às coisas que o situam, ao frívolo, ao trivial e às simples coisas tornadas interessantes; importantes; fundamentais.

Talvez sem ironia, o *Pequeno herbário das sombras* de Joana exprime, e de certo modo homenageia, o *Grand Herbarier d'Ombres* [Grande Herbário de Sombras]

(1972), de Lourdes Castro. Certamente sem ironia, é a partir dele, com ele e sobre ele que se manifestam as obras da artista mais jovem. Se a noção de herbário tende a convocar a prática de recolha de exemplares de espécies orgânicas em nome da sua memorização (da sua catalogação), Joana Patrão e Lourdes Castro não têm esse como motivo único. Isto é, verificando-se um interesse propriamente arquivista, o que sobressai é na verdade a atração em direção às zonas criativas que dele podem emergir. Ambas catalogam, arquivam e examinam mas, no processo, catalogam-se, arquivam-se e examinam-se a si mesmas. Vêm-se os seus traços, os seus pontos de vista, as suas sensibilidades, as suas imagens e a sua poesia. Tratam-se, enfim, de desenhos fotogénicos dos quais irrompem objetos estéticos. Ironicamente, agora sim, o Grande Herbário de Sombras, de Lourdes Castro, não está patente na exposição. Ou estará? Não será o herbário de Lourdes Castro um ponto de partida, e também por isso uma espécie de sombra, para todas as obras que vemos no espaço? Não será que o Grande Herbário, de certo modo, irradia, magnetiza e abre as imagens da exposição? Não será que, e talvez seja esta a questão mais importante, que o *Pequeno herbário das sombras* de Joana Patrão nos providencie chaves de compreensão para a obra de Lourdes Castro?

\\O fotográfico

Entre a fotografia mecânica e o vídeo, o tempo de exposição imediato e o tempo prolongado, *Sombra ao sol* sugere um exame crítico da condição da imagem fotogénica, como que num ato de “atirar pó à engrenagem” daquela que tende a ser a nossa compreensão das imagens fotográficas. Se — fruto da sua natureza metonímica — a fotografia tende a ser acompanhada por uma indespeditível crença de realidade, a exposição poder-se-ia compreender como sendo uma problematização disso. Ao tornar visíveis uma multiplicidade de registos mecânicos, ao representar uma máquina fotográfica (*Sem Título*,

Lourdes Castro, 1995), um vídeo que tem como motivo a sombra (*Envolta*, Joana Patrão, 2023) e imagens fotossensíveis ora com gestos, ora com poesia, ora com vidros partidos (*Sombra ao sol: pequeno herbário das sombras*, Joana Patrão, 2023), a exposição acaba por ter como assunto as problemáticas do próprio mecanismo de captação maquinal: nas suas confusões e esquematizações, nas suas forças e fraquezas. Vemos câmara mas também olhares, realidade mas também gestos criativos, referentes fotográficos mas também os pontos de vista que, inelutavelmente, o produzem. De sorte que, em parte, se possa adquirir uma peculiar posição acerca da vida por via de olhar familiarizado com a instabilidade figural da representação mecânica. Talvez a força da imagem radique, como nos recorda Barthes, do que ela nos esconde.

\\Um bom livro

Montar, recorda-nos Lyotard, é ler um “bom livro”. Um livro em “*que o leitor pudesse iniciar em qualquer ponto, por qualquer ordem: um livro a ser mastigado*” (Jean-François Lyotard, *Discourse, Figure*, 2009, p. 35 [nossa tradução]). De sorte que *Sombra ao Sol*, de Joana Patrão, tem em vista a constituição de um espaço de leitura aberto e transacional, onde cada ponto — cada obra, símbolo ou expressão — coexiste com todos os restantes; uma espécie de deserto na medida em que cada fim é já um início e vice-versa. O espectador — a artista, os curadores, os visitantes — é solicitado à captação das relações intrínsecas entre obras e discursividades plásticas, nas suas afinidades e diferenças, nas suas fendas e hiatos. O observador é chamado, enfim, “*a adivinhar o todo do qual só se lhe dá uma parte*”. (Robert Bresson, *Notas sobre o Cinematógrafo*, 2000, p. 93)

\\A montagem

Se *Sombra ao Sol* é análoga à esquisita experiência de ler “um bom livro”, isso quer dizer que ela propõe uma